



Usuários do Atende 2, na cracolândia, fazem fila para receber máscara durante a remoção para um novo para um novo equipamento, no Glicério Fotos Marlene Bergamo/Folhapress

Prefeitura de SP fecha serviço para dependente de drogas na cracolândia

Justiça decide, à noite, que centro deve permanecer aberto; na remoção de usuários, corpo é achado

Emílio Sant'Anna e Marlene Bergamo

SÃO PAULO A Prefeitura de São Paulo fechou nesta quarta-feira (8), o Atende 2 (unidade de Atendimento Diário Emergencial), equipamento público para dependentes de drogas na região da cracolândia, centro de São Paulo, e levou 213 usuários para um novo serviço, no Glicério, a cerca de 2 km. No início da noite, no entanto, a Justiça decidiu liminarmente que o centro de acolhida deve permanecer aberto. Na prática, a decisão da juíza Celina Kiyomi Toyoshima não obriga a gestão Bruno Covas (PSDB) a levar de volta os usuários removidos, mas mantém o local aberto e funcionando para novas abordagens.

Segundo a juíza, o local o "é o único ponto de atendimento na região central da cidade, que concentra uma grande parte de pessoas vulneráveis". A liminar havia sido pedido pela Defensoria Pública do Estado de São Paulo.

A prefeitura diz que vai recorrer e que o novo equipamento "atende todos os requisitos de Direitos Humanos e oferece melhor atendimento no acolhimento e no tratamento da saúde de usuários de álcool e drogas em situação de vulnerabilidade".

Logo cedo, durante a remoção de usuários, um corpo foi encontrado nas imediações



Entrada do centro de acolhida, que por decisão da Justiça deve permanecer aberto; prefeitura afirma que vai recorrer

do Atende 2 e levado para o novo equipamento público. De acordo com funcionários do homem, não identificado, teria tuberculose.

Arthur Guerra, psiquiatra e coordenador do programa Redenção, estratégia municipal para o atendimento de usuários de drogas, diz que a morte é investigada pela Polícia Civil. Só depois disso, a possibilidade de ser um caso de Covid-19 poderá ser apurada.

Na região da cracolândia, as condições sanitárias favore-

cem a disseminação do vírus. Por volta das 8h, três ônibus levaram 160 usuários do serviço para o novo equipamento da prefeitura, o Siat 2 (Serviço Integrado de Acolhida Terapêutica), no Glicério. Outros 53 foram a pé. Apesar das reclamações e do clima de tensão que se formou no local, não houve incidentes.

"Havia muita aglomeração no Atende. O novo serviço junto a assistência social com o atendimento em saúde. Nosso objetivo é salvar vidas", diz

Guerra em relação aos riscos de contaminação dos usuários em meio à pandemia.

"É uma população que já é vulnerável: 9,5% têm tuberculose, 6,3% têm HIV e quase 10%, sífilis", completa.

O Atende 2 tinha capacidade para 185 pessoas e oferecia serviços como espaços de descarte, banheiros e refeitório, além de oficinas socioeducativas.

O novo serviço, no Glicério, diz a prefeitura, poderá atender 200 pessoas diariamente.

Entre os funcionários do serviço e voluntários ligados a entidades que atuam na região, no entanto, o clima era de insatisfação. A distância do novo equipamento e a ausência de um serviço municipal no local, reclamavam, pode causar ainda mais vulnerabilidade para os usuários.

Um voluntário, da Craco Resistê, que pede para não se identificar, afirma que o temor maior a partir de agora será, com a ausência do serviço de assistência social, a vio-

lência policial. Segundo ele, a medida faz parte de um processo de remoção de usuários da Luz com objetivos de viabilizar projetos imobiliários.

O local conhecido como fluxo, onde os usuários se aglomeram para fumar a pedra, continua inalterado, dizem voluntários. Durante a remoção, muitos se espalharam pela região e voltaram depois.

Guerra afirma, porém, que houve redução no número de pessoas no fluxo — cerca de 450 durante o dia e 700 no final de tarde e fins de semana. Sobre a ausência de serviços municipais, afirma que ainda há no local a atuação do Redenção na Rua, equipes que fazem a abordagem dos usuários e diagnóstico médico. Elas passaram de 18 para 25.

As acomodações que os usuários irão ocupar no Glicério também são questionadas. Contêineres foram colocados no bairro para abrigar essa população. Quanto à possível nova aglomeração a ser formada no local, Guerra afirma que as equipes do Redenção na Rua farão o diagnóstico em caso de infecção pelo novo coronavírus previamente.

Além das reclamações de quem atua na cracolândia, moradores do Glicério não ficaram satisfeitos com a chegada dos usuários ao Siat 2.

Segundo eles, ninguém foi avisado da instalação dos contêineres no local. Afirmam que a praça em que eles foram colocados fica ao lado de uma escola e de uma creche.

"Moro aqui há 50 anos e estamos brigando com a prefeitura desde dezembro por causa disso", diz Sandra Conceição Madour, que faz parte do movimento Reage Glicério.

"Temos duas ações protocoladas com o Ministério Público e um boletim de ocorrência registrado."

Adolescente é primeiro ianomâmi a contrair novo coronavírus

Fabiano Maisonave

MANAUS Um adolescente de 15 anos é o primeiro ianomâmi a contrair o novo coronavírus, informou a Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai). Ele está internado na UTI de um hospital de Boa Vista (RR) desde a última sexta-feira (3).

O jovem é natural da aldeia Rehebe, às margens do rio Uraricoera, região que serve de porta de entrada para alguns milhares de garimpeiros ilegais que exploram ouro dentro da Terra Indígena Yanomami (AM/RR).

"A nossa maior preocupação com o Covid-19 é que irá

contaminar os ianomâmis por meio dos garimpeiros", disse à Folha Diário Kopenawa Yanomami, 36, vice-presidente da associação Hutukara, a mais importante do povo ianomâmi.

"Muitos garimpeiros estão entrando sem exame médico. Isso vai espalhar a pandemia na terra indígena", afirmou.

A associação Hutukara estima que haja 25 mil garimpeiros ilegais na terra indígena. Além de aviões e helicópteros, eles usam três rios para entrar no território: Uraricoera, Mucajá e Apiatú.

De acordo com o Dsei (Distrito Sanitário Especial Indígena) Yanomami, o adolescente

contaminado mora e estuda em uma comunidade do município de Alto Alegre (RR).

A primeira internação ocorreu em 17 de março, em Alto Alegre, com suspeita de meningite. Transferido no dia seguinte para Boa Vista, alternou entre a Casaí (Casa de Saúde Indígena) e o hospital Geral de Roraima (HGR). Uma semana depois, sem ataxia, ele voltou para sua aldeia natal, onde moram os pais.

No dia 26, quando estava na aldeia, a saúde piorou. Na última sexta-feira (3), em estado grave, o jovem foi levado de volta ao HGR, em Boa Vista, com sintomas de doen-

ça respiratória. Desde então, permanece na UTI. O resultado positivo para Covid-19 só apareceu no segundo teste, concluído na terça-feira (7).

O Dsei disse que está identificando isolando ianomâmis da aldeia Rehebe com sintomas de Covid-19 e que até sexta (12) serão enviados 20 testes rápidos. Outras medidas serão tomadas caso se verifique transmissão local, como a criação de espaços de isolamento e barreira sanitária. Além do adolescente ianomâmi, a Sesai registrou outros quatro casos de Covid-19, todos da etnia kokama, em Santo Antônio do Içá (AM).

O Instituto Socioambiental (ISA) relatou haver dois indígenas não aldeados mortos em decorrência do novo coronavírus: uma idosa do povo Borari, em Alter do Chão (PA), e um homem do povo mura, em Manaus. Por morarem na cidade, eles não foram atendidos pela Sesai.

Desde Boa Vista, Diário, que é filho da liderança Davi Kopenawa, tem falado por rádio com várias comunidades ianomâmis, orientando-os a não se deslocar principalmente para as cidades. Roraima tem 49 casos de Covid-19 e um óbito — um motorista da Casaí que não teve contato

com o adolescente infectado.

Ele afirma que existe o temor nas comunidades de que o coronavírus repita a mortalidade provocada pelo sarampo, doença viral que provocou milhares de mortos nos anos 1960 e 1970. Atualmente, a população ianomâmi está em torno de 27 mil pessoas.

"Os nossos mais velhos estão dizendo que, com a primeira chegada da sociedade não indígena, eles não tinham proteção de vacina. Morreram muitas pessoas, nossos bisavós. E agora essa pandemia está se virando para os ianomâmis. Os mais velhos não querem mais adoecer."